

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Museu Clube da Esquina (MCE)

A estética do Baile das Pulgas

História de [Flávio Henrique](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 27/10/2005

Projeto Museu Clube da Esquina
Depoimento de Flávio Henrique
Entrevistado por Stela Tredice
Belo Horizonte, 16 de Setembro de 2005
Entrevista: MCE_CB048
Transcrito por Léo Dias
Revisado por Bruna Ghirardello

P – Flávio, eu gostaria que você começasse falando o seu nome completo, local e data de nascimento.

R- Flávio Henrique Alves de Oliveira, eu nasci em Belo Horizonte em 20 de Julho de 1968.

P- E o nome dos seus pais?

R- Cícero Alves de Oliveira, Delza Cecília Alves de Oliveira.

P- Seus pais tinham alguma ligação com música?

R- A minha mãe é formada em música, é formada no Conservatório, ela é professora de música, ela foi até minha professora, ela dava aula de música no colégio que eu estudava aqui, que era o Pandiá Calógeras em Belo Horizonte. Ela exerceu mesmo a profissão de música até quando eu tinha uns dez anos de idade. Curiosamente foi depois que ela largou a música que eu comecei a minha carreira.

P- E o que a sua mãe ensinava, que instrumento ela ensinava?

R – Ela era professora de música de grupo assim, tinha coral, tinha bandinha, ela sempre trabalhava nas festas, a parte da música. Quando era dia das mães, o coral preparava aquele repertório de dia das mães, aí o coral ensaiava com as crianças. E nessa época, era diferente a educação, acho que ainda existia música na escola, acho que hoje em dia não existe essa aula. Tinha uma aula de música por semana, e a música fazia parte, ela estava sempre na semana da pátria, na semana do índio, era uma coisa que eu me lembro bem, sempre tinha um evento musical qualquer nas festas. Nessa época era época da ditadura, da moral e cívica, mas era uma coisa que engraçado, eu até sinto falta, não acho que tenho lembranças de hastear bandeira, era uma coisa legal acho que hoje em dia faz falta essa coisa foi cortada de uma maneira abrupta, né? Eu acho que tenho a impressão de que a educação, eu estudava em uma escola pública, que era uma boa escola pública daqui de Belo Horizonte. A minha mãe dava aula e eu tenho a impressão de que a lembrança e que era um padrão de educação muito bom por ser uma escola pública comparado com que a gente vê hoje em dia na televisão, o que acontece por aí.

P- E você disse que quando a sua mãe parou de exercer a carreira de professora de música, você começou a sua carreira enquanto músico, comenta um pouquinho, fala um pouquinho sobre isso.

R- É engraçado, nós estávamos aqui falando do Clube da Esquina, e tem uma história muito curiosa, realmente essa história é muito curiosa. A

minha mãe, quando ela parou de dar aula de música, ela foi trabalhar numa Secretaria do Planejamento e ela coincidentemente trabalhava com a dona Geralda, que era mãe do Toninho Horta, uma senhora um pouco mais velha que ela, mas que ela gostava, ela gosta muito da Dona Geralda. Eu tinha uns onze, doze anos, ela voltou pra casa de um amigo oculto com um disco do Toninho Horta, a dona Geralda levou um disco do filho dela para ser sorteado e o disco caiu na mão da minha mãe, ela chegou em casa e me deu esse disco. Eu tinha uma ligação totalmente intuitiva com a música, não tocava nenhum instrumento até então, e esse disco era um disco branco do Toninho Horta, gravado em 1984, eu tinha exatamente doze anos, gostei desse disco, achei esse disco uma coisa completamente diferente do que eu estava acostumado, dos discos que tinham na minha casa assim, esse disco era um disco diferente. E eu gostei de música dentro dele, que são músicas assim, difíceis, músicas complexas. Eu até estive com o Toninho Horta essa semana e estava contando essa história pra ele, essa história, ela é realmente interessante. E eu não tinha tido contato ainda com a música do Clube da Esquina, com a música do Lô Borges, do Beto Guedes, mal do Milton, na minha casa tinha um disco do Milton chamado, era o Caçador de Mim, e esse disco, é esse disco do Toninho Horta, esse disco branco, foi a primeira coisa que eu acho que daqui da música de Belo Horizonte, com essa cara forte aqui de Belo Horizonte que chegou e eu gostei de cara, engraçado que era uma música difícil.

P E a partir daí o que esse disco te motivou?

R- A partir daí o meu irmão arranhou um violão, aí minha mãe tinha muitos instrumentos pela casa, eles estavam meio escondidos porque ela tinha largado a música e ela não praticava tanto assim não. Aí quando meu irmão começou, chegaram alguns instrumentos de família que estavam dentro dos armários, um acordeom, um cavaquinho do meu avô e um piano mesmo, um piano da minha mãe que estava na casa do meu avô, não sei por que razão esse piano tinha ficado lá e quando meu irmão manifestou interesse os instrumentos foram chegando lá em casa. E eu sou autodidata, com ano assim, de instrumentos na minha casa, eu acho que eu já tocava todos, tocava um pouco de piano, tocava um pouco de cavaquinho, tocava um pouco de violão. E isso com uns catorze anos mais ou menos, foi uma coisa forte mesmo assim na minha vida, foi até difícil eu terminar aquele curso da escola normal, tive até certa dificuldade porque desde essa época que eu tinha um interesse pela música, ele era maior do que tudo. Quando eu tinha dezesseis anos, aconteceu uma coisa que eu acho que foi fundamental na minha carreira, que eu fui colega de sala, de sala não, fui colega de colégio assim, do Robertinho Brant, sobrinho do Fernando, e foi com ele que eu comecei realmente, que a gente se atreveu assim a tocar em festivais e montamos uma banda, isso foi uma coisa muito importante de fato, porque o Robertinho, eu já tinha vindo dessa experiência desse disco do Toninho Horta, gostava da coisa, de repente, o Robertinho era um cara que na casa dele tinha tudo, o pai dele, o Roberto, tinha uma discoteca maravilhosa, então ele tinha todos os discos do Lô Borges, todos os discos do Beto Guedes assinados, autografados, Milton Nascimento nem se fala. Milton Nascimento passava por lá eventualmente com o Fernando, e era a casa do Fernando ali na Rua Grão Pará, eu frequentei muito porque o Robertinho morava na Pampulha e ele ficava muito na casa da avó dele que aqui na Rua Grão Pará onde o Fernando estava sempre e onde estava o Fernando passava todo mundo, passava o Murilo, passavam vários músicos. E eu estava ali adolescente, dezesseis anos, vendo aquelas coisas acontecerem. Tinha o bar, a Cervejaria Brasil, logo embaixo de aonde todo mundo ia, eu fiquei encantado com esse universo. De repente, a música tomou essa dimensão assim de ser uma coisa possível também, que eu via aquelas pessoas de quem eu gostava, eu via que elas existiam, que elas estavam andando por ali, então isso deu certa proximidade e essa discoteca também na casa do Roberto Brant foi uma coisa que, hoje em dia, quando eu paro pra pensar que nessa idade eu estava conhecendo a música não só brasileira, mas ele gostava muito de Chet Baker, Ella Fitzgerald e Claus Ogerman, os maiores arranjadores assim, Miles Davis, ele tinha tudo, saía um disco novo do Andy Shorter, tinha na casa do Roberto. Ele realmente é um apreciador de música e o Robertinho é um grande ouvidor de música, nessa época, ele ouvia muito a gente, ouvia muito na casa dele. E essa carga musical toda que eu recebi nessa época, eu ainda não tinha nem como colocar ela para fora, porque eu acho que ela chegou numa hora até interessante, que eu ainda não tocava o suficiente para entender essa música toda. E é muito engraçado, alguns anos mais tarde, quando eu fui fazer uns vinte e três, vinte e quatro anos já era músico profissional, nunca tinha composto uma música e de repente, do dia pra noite eu comecei a fazer músicas e estou fazendo sem parar, já tem uns quinze anos que eu estou nessa carreira de compositor e a impressão que eu tenho é que até hoje muito do que eu faço vem dessa época, desse bombardeio musical, dessa década, do final de década de 1980, início da década de 1990, que eu recebi nessa época, que eu conheci o Robertinho na casa do Roberto Brant. Por isso que eu fico muito, apesar da minha música não ser uma música, estritamente, intimamente ligada ao Clube da Esquina como continuação, eu acho que ela está separada, mas a presença é muito forte no ambiente, é muito forte e é muito verdadeiro, porque realmente eu convivi muito de perto, mas com uma geração de depois. Eu acho que o fato de hoje em dia eu ter parcerias com o Fernando Brant no meu disco novo, agora eu tenho duas músicas inéditas com ele e com o Murilo Antunes, com o Márcio Borges, eu tenho feito coisas com ele. Hoje em dia para eu ser parceiro deles, apesar de existir uma diferença de geração realmente, eu fico a vontade, eu sinto que é uma coisa verdadeira porque eu conheço tudo o que eles fizeram. E de certa forma eles viram a minha carreira crescer também. Então é diferente quando eu faço uma música com Paulo César Pinheiro ou com outros compositores que eu admiro muito, mas que eu não tive essa proximidade com eles, não conheço tão bem a obra dele e ele também não me conhece. Com o Fernando, Marcio, Ronaldo, Murilo, Telo Borges, são os meus parceiros do Clube da Esquina mais constantes, a nossa relação musical, ela é familiar de certa forma, que vem toda essa relação passou por essa pessoa que era o Robertinho Brant que era o meu colega de sala.

P- Flávio, você estava falando da importância dessa influência na sua vida do Clube da Esquina de uma forma indireta que exerceu uma influência na sua carreira musical que já é considerado quase que um estilo. O que trouxe de inovador para a música o Clube da Esquina?

R- Eu estou vindo agora da participação no Festival da TV Cultura lá em São Paulo. Eu tenho tido a sorte de nos últimos seis anos, sete anos, de estar sempre em determinados concursos e eventos nacionais, de estar representando a música mineira da minha geração. E eu tenho observado o seguinte: a importância, a maior importância do Clube da Esquina, é essa questão da identidade musical com Belo Horizonte. É uma coisa muito forte, a gente chega num concurso desse e se uma pessoa nunca me viu e me vê passando som, o cara imediatamente fala assim: "aquele cara é mineiro", pelo meu violão, pela sequência de acordes que eu já faço, e as pessoas já me identificam rapidamente. Porque eu acho que são várias as influências, o violão, o jeito de harmonizar que é o maior chavão, o maior lugar comum, ele além de ser um lugar comum, é a maior verdade, mesmo um jeito de harmonizar que partiu do Milton Nascimento, do Toninho Horta, do Wagner Tiso. Essa coisa musical, primeiro eu vou falar dessa coisa musical poética, eu falo mais tarde a coisa musical, é a que me vem primeiro e é uma herança sensacional que eles deixaram para geração. Eu sinto que até hoje, os músicos da minha idade de São Paulo, eles são mais perdidos, eles não tem essa referência regional bacana que

a gente tem. São Paulo está buscando identidade musical deles até hoje. A Lira Paulistana foi uma coisa importante lá, que foi forte, mas é uma linguagem que o Brasil não comprou, ela ficou na intelectualidade paulista, ficou na cabeça de certa elite. E o Clube da Esquina é, foi uma coisa que querendo ou não, teve um sentido nacional, tem um caráter nacional, o Brasil inteiro conhece um clássico do Lô Borges, do Beto Guedes, do Milton Nascimento. Ele é cantado no Brasil inteiro e isso foi feito de uma maneira muito desprezível. Eu acho a poética do Clube da Esquina, ela é desprezível, ela não tem essa coisa de “somos os melhores, somos os incríveis”, e foi uma coisa que colou, que marcou a identidade da gente. Então, hoje em dia, o cara ser de Belo Horizonte é aquilo que eu falei antes, é uma referência legal você saber que aqui não existe esse glamour todo da música que tem no Rio de Janeiro e tem em São Paulo. A gente tem pessoas, bons artistas que foram reconhecidos pelo talento deles, não por estarem aparecendo toda hora na revista, no jornal. E isso é muito bom, são trabalhos consistentes, a consistência de um Toninho Horta, a consistência da obra de um cara como o Fernando Brant, que são pessoas que ganharam o mundo. O Toninho Horta hoje em dia é um músico conhecido no mundo inteiro pelo violão que ele toca, não interessa onde ele apareceu, aonde ele saiu, se a foto dele apareceu na Caras ou não, ele se resolve, se sustenta sozinho com o conhecimento dele. E eu acho que isso é uma cultura da música e a música mineira, ela é feita muito em cima do conhecimento, de uma autocrítica forte, ninguém publica aqui as coisas sem ter certeza que é realmente uma coisa bacana, uma coisa profunda. A música mineira tem uma profundidade inexplicável, claro que com toda a humildade, com essa coisa profunda que vem de um Guimarães Rosa, de um Carlos Drummond de Andrade. Claro que eu estou citando dois gênios, mas é porque, na verdade, isso passa por uma autocrítica muito forte e a vontade de estar mostrando um trabalho sempre consistente, eu acho que o Clube da Esquina nunca é superficial.

P- Eu tinha na verdade falado, mencionado o Clube enquanto um estilo na verdade, eu me confundi. O que existem correntes, estudos, estudiosos, já argumentam que o Clube da Esquina pode ser considerado um movimento musical, o que você acha disso?

R- Eu acho que sim, é um movimento. Eu não consigo entender isso tão bem quanto eles não, mas é uma coisa engraçada. Por exemplo, eu que vim depois e que, de certa forma, eu mantenho um laço musical com praticamente todos eles, já tive músicas, sou amigo do Milton, já tive música gravada por ele, sou parceiro dos letristas todos, com todos eles eu tenho pelo menos uma música, eu não consigo imaginar muito como que era essa relação deles na época. A gente fica sabendo através do livro, do Márcio Borges e das histórias todas, mas independente dessas relações, eu acho que é um movimento musical sim. É aquilo que eu fiz aquelas comparações antes, é um movimento musical importante, eu acho que depois, historicamente depois da Bossa Nova, o Clube da Esquina e o Tropicalismo foram os movimentos mais importantes, que deram fôlego para a música brasileira chegar ali na década de 1980 como uma música forte, com uma identidade cultural brasileira bacana. Depois, com esse advento da grande mídia, do rock nacional, que é claro que é uma manifestação super legítima e verdadeira também, mas o Brasil sofreu uma mudança com esse movimento sertanejo e do rock, sofreu uma mudança muito grande para o lado ruim. Eu acho uma massificação muito grande de tudo. Eu acho que, nessa época, o Clube da Esquina e o Tropicalismo, o Tropicalismo talvez até com mais intensidade, porque foi um movimento que rompeu muita coisa e estava ligado no Glauber Rocha, eu acho muito legal ver de onde que estão vindo as conexões desses movimentos musicais, com o contexto da época. Eu vejo um Clube da Esquina muito na poética muito vinculado com a ditadura, mas de um jeito muito mineiro de ser falado. Eu acho muito interessante quando a gente começa a descobrir tudo o que aquelas letras queriam dizer, é interessante. E eu era muito criança nessa época da ditadura aqui em Belo Horizonte, mas eu me lembro, engraçado eu sinto no ar, eu tenho memória dessa época e eu acho legal a maneira como eles estavam protestando. E não era aquela maneira direta, existia certo medo, mas as letras também têm uma ironia muito grande, tem uma forma muito inteligente de se esconder da censura, da repressão. E ao mesmo tempo eles nunca pararam, nunca deixaram de estar criticando e essa carga dos Beatles grande. Aliás, voltando àquela pergunta lá atrás, o movimento musical do Clube da Esquina, uma das razões dele ser mais popular do que outros que aconteceram no Brasil como a Lira Paulistana em São Paulo, foi essa influência dos Beatles por que eles tinham uma ligação muito grande com os Beatles, o Lô, o Beto Guedes e o Milton também e esse lado Beatles que está colocado no Clube da Esquina, que a gente que é músico, a gente consegue ver ele muito bem muito claro. Eu acho que ele fez com que as canções fossem mais populares, com que as canções ficassem mais na cabeça das pessoas, do que propriamente só aquele exercício intelectual da letra. É uma junção que deu um caráter a mais, ajudou esse movimento a se expandir, as gravadoras, a EMI Odeon, não é a toa que elas queriam artistas como um Lô Borges, um Beto Guedes na época em que eram hit makers, que eram influenciados pelo Paul McCartney, pelo John Lennon, que era a melhor influência na época e até hoje é.

P- E hoje você identifica a semente que o Clube da Esquina plantou nesse terreno da MPB?

R- Demais, hoje em dia, aqui em Belo Horizonte eu brinco que a minha profissão do futuro vai ser curador. Hoje em dia eu estou sendo curador de tudo, essa nova geração ela é toda está passando, eu estou vendo ela porque eu participo de grandes projetos de descoberta novos talentos. E está legal porque a gente vê essa geração que hoje está com vinte anos na verdade, ela já cresceu com o impacto da música dos anos 1990 que foi o Skank, o Jota Quest, o Pato Fu que é outro movimento musical. Mas é engraçado que a mineiridade, ela permanece aquilo que eu falei antes, de uma música elaborada, de uma autocrítica. É engraçado, aqui em Belo Horizonte, em Minas Gerais, as pessoas, parece que elas pensam duas vezes antes de publicar as coisas, é engraçado existe uma responsabilidade musical interessante que eu acho que isso é uma herança. Apesar de que tem muita gente que contesta o Clube da Esquina. O Clube da Esquina já foi atacado várias vezes nos jornais tinha uma época aqui em Belo Horizonte, na década de 1990. Mesmo quando apareceu o Skank, eu brincava que existia um release que os jornalistas usavam muito, que todas as matérias começavam do mesmo jeito, começava assim: “nem só de Clube da Esquina vive Belo Horizonte”, aí começava a falar tem o Sepultura, tem não sei o que mais. É impressionante o tanto que essa frase foi repetida, “nem só de Clube da Esquina vive Belo Horizonte”. E é engraçado que foi igual a esse governo que está passando aí. O Lula teve que ter uma fase de contestação violenta para as pessoas entenderem que pode ter o Clube da Esquina, pode ter Skank, pode ter o Jota Quest, que tudo que chega de novo na música numa cidade, se isso é legal, se isso vai contribuir, se isso vai abrir portas para todo mundo. A impressão que eu tive é que veio uma geração depois do Clube da Esquina, graças a Deus, eu nunca falei isso, nunca escrevi isso, nunca quis romper com isso, porque isso é uma bobagem desgraçada. Uma geração não pode meter o pé na porta da outra, porque isso não leva ninguém a nada. Então hoje em dia, eu estou achando legal, porque quando você tem uma conexão o Lô Borges, com o Samuel Rosa e eu mesmo fazendo coisas hoje em dia com o Telo, Marina Machado, Milton Nascimento, é a prova de que as gerações, a música vai passando e essas mudanças ou continuidades, elas têm que ser feitas ninguém precisa ditar, contestando e nem jogando pedra e nem ficar exigindo. Eu cansei de ver pessoas exigindo do Milton que ele faça discos geniais a cada dois anos. De jeito nenhum, o que o Milton Nascimento fez na década de 1970, ele já vai pro céu, ele não precisa fazer mais nada assim. A contribuição musical de Márcio

Borges, Beto Guedes, Lô Borges, Milton Nascimento em primeiro lugar, eles já não precisariam estar fazendo nada e estão fazendo. A gente já está no bônus, já estão fazendo uma super, já é generoso da parte deles ainda estarem fazendo, ainda estar criando. O Milton Nascimento faz um disco como Pietá e lança de uma vez só Maria Rita, Marina Machado, vários compositores amigos como Elder Costa, eu Flávio Henrique, o Chico Amaral e trinta e cinco anos depois do Clube da Esquina. Depois daquele advento que ele lançou o Lô Borges, ele continua sendo generoso, continua sendo esse cara assim. O Milton Nascimento, em minha opinião, tem uma consciência imensa dentro daquele silêncio dele, porque ele é uma pessoa que não fala muito, mas ele tem uma consciência tremenda de tudo isso que aconteceu na música, de quem ele ajudou. Porque aconteceu do valor da música que eu faço hoje em dia, ele consegue entender e realmente ela passou por isso tudo, é, e muito tempo pensar que são trinta e cinco anos, pensar que tem gente até hoje desenvolvendo uma estética que começou ali, é isso.

P- O seu primeiro contato com o Clube da Esquina você acredita que foi na casa do Robertinho Brant?

R- Isso, foi com certeza, através do Robertinho Brant. A gente tinha um conjunto um grupo que chamava Grupo Candeia, que é um grupo muito interessante. Eu acho legal falar dele e é uma coisa rara, esse grupo foi criado em 1983 e sobreviveu até 1985. Eram sete músicos, jovens iniciantes e desse grupo, quatro músicos se profissionalizaram, fui eu, Robertinho Brant, o André Queiroz, que é o grande baterista hoje em dia de Belo Horizonte da geração dele e o Sérgio Silva, que é um percussionista que toca com todo mundo. É uma média muito alta, mais de 50% do grupo se profissionalizou e nessa época acho que uma dessas razões, foi que a gente teve um acesso de conhecer as pessoas. Teve uma coisa muito importante que eu me esqueci de falar, quando chegou por volta dos anos 1990, eu conheci o Murilo Antunes. O Murilo Antunes foi um cara, das pessoas do Clube da Esquina, foi o meu primeiro parceiro e ele começou a fazer música comigo, ele foi um cara muito generoso e ele estreitou muito a minha relação e fez questão de me aproximar do Márcio Borges, mas dessa vez aproximar como parceiro, não como um adolescente que está vendo que tudo existe, está aprendendo, aproximar agora dando valor. “Façam música com esse cara porque vale a pena” e o Murilo foi muito importante nessa hora, porque ele me aproximou do Fernando Brant, do Tavinho Moura, do Flávio Venturini, principalmente do Marcinho e do Ronaldo Bastos. Ele me deu uma apadrinhada muito importante, foi muito generoso e com o Murilo eu conheci outro lado, porque ele estava cheio de conexões também com outras pessoas, com outra órbita do Clube da Esquina que não mora aqui em Belo Horizonte, que é Cláudio Nucci, Nathan Marx, o Nelson Angelo que estava morando lá no Rio. Pouca gente estava tendo contato com ele e o Murilo sempre em contato com o Nelsinho, foi um cara muito importante pra mim também. E uma coisa que eu queria falar também, pra gente terminar isso, quando eu comecei a dirigir o disco Baile das Pulgas, com a Marina Machado, eu acho que esse disco foi um disco feito em 1999 e foi um marco em Belo Horizonte. Hoje em dia, ele está completando seis anos e eu estou impressionado de ver como esse disco influenciou as pessoas que estavam começando naquela época, como que ele ficou bem, foi um marco mesmo da produção independente aqui em Belo Horizonte, foi um disco produzido por mim e pelo Chico Amaral. E ele tem um resgate sensacional da época de 1972 que é uma música que chama Baile das Pulgas que é do Lúcio Tadeu, que é primo do Toninho Horta. Eu tenho o orgulho de falar que esse disco, a gente quis fazer nesse disco essa junção, a gente brincava assim, a gente queria um pouco virar aquela página dessa rinha que existia entre os jornalistas e o meio do rock de Belo Horizonte que veio do Jota Quest. O Chico Amaral era um cara vindo do Skank e eu, com toda essa carga minha de Clube da Esquina, nós dois, amigos se respeitando pra caramba, com a Marina, que sempre foi o grande talento da geração dela, nós três nos unimos para fazer um disco que mostrasse pra todo mundo como que é possível, como que esse rock do Skank também tem a ver com o Clube da Esquina, como que tudo é uma grande coisa. Porque o Skank e o Pato Fu também, eles tem essa bacana comunicação de massa forte, que é uma coisa necessária. Eu acho que o Clube da Esquina nunca foi coisa elitista, teve essa comunicação grande. E esse disco Baile das Pulgas, ele mescla tudo a gente tem, o disco abre com uma música do Márcio Borges e do Beto Guedes, mas uma música tocada como deveria ser tocada em 1999, ela não é nem um pouco saudosista, ela tem coisa de música eletrônica, ela é uma levada nova que acrescenta, colabora muito. A gente gravou essa música do Fernando Brant, do Lúcio Tadeu que fala das pulgas do cine Pathé. E gente ambientou muito esse disco como um grande pacto estético, não é nem político, é um pacto estético entre o Clube da Esquina e a geração do rock. E eu vou te contar que esse disco deu bastante certo, não é um disco meu, é um disco da Marina, pertence a ela, mas eu viajo muito, todos os lugares aonde eu vou. Esse disco, as pessoas de fora souberam entender esse disco, a primeira presença de uma mulher no Clube da Esquina. É uma coisa engraçada, não no Clube da Esquina, mas uma mulher que foi aceita, e isso é antes do Milton Nascimento conhecer, ele não conhecia a Marina ainda, é quando esse disco foi lançado e essa proposta estética ali, ficou muito clara e hoje em dia apesar de ter passado pouco tempo, nós estamos em 2005 e esse disco foi lançado em 1999 e ele esteticamente resume muito bem tudo o que eu estou querendo falar aqui da importância dos movimentos e da consistência da música mineira que está passando acima de tudo, acima de todos os altos e baixos e críticas e jornalistas e preconceitos.

P- Flávio para encerrar, o que você acha dessa iniciativa desse projeto Museu Clube da Esquina?

R- Eu acho que isso é de uma lucidez impressionante. Que vai de encontro com o Márcio Borges, não é a toa que eu tenho orgulho de ser parceiro dele, fã dele porque ele está fazendo a coisa inteligente demais e lúcida demais. Que é ele mesmo de certa forma e quem tiver a fim de vir com ele, de cuidar dessa memória para não deixar que outros o façam sem a propriedade dele. E ele é um cara genial que tem uma memória sensacional, essa visão cinematográfica da coisa, daquele livro dele. Eu ainda não vi, não tive a oportunidade de ver todo esse material que está sendo feito, mas eu tenho certeza de que o fato de que essa memória está sendo resgatada sobre essa ótica, além de profissionais excelentes que estão envolvidos na coisa, essa coordenação de quem viveu o movimento e está zelando pela verdade, eu acho isso sensacional. Eu acho que isso vai transformar esse projeto aqui numa referência daqui pra frente.

(Fim da entrevista)